



VIVA

CULTURA!

Periferia Viva Mulher

VOLUME 5

A CULTURA É PARA TODO MUNDO **PORQUE TODO MUNDO FAZ CULTURA.**

Essa frase resume bem o assunto desta cartilha, que é um bate papo sobre cultura, principalmente a partir da voz de nós, mulheres. Não existe “pessoa sem cultura”.

Esse é um pensamento elitista que só considera válidos os conhecimentos e expressões das pessoas ricas e brancas.

• • • • •
• **A CULTURA É DE TODAS AS PESSOAS,** •
• **ELA É VIVA E ESTÁ EM TODAS** •
• **AS DIMENSÕES DA NOSSA VIDA!** •
• • • • •

Mas afinal, o que é cultura?

Cultura é o conjunto de tudo que o ser humano é e faz. É o resultado de como nós nos comunicamos, interpretamos e refletimos sobre as nossas vidas.

ELA É COMPARTILHADA!

Está no modo que cantamos, cozinhamos, fazemos as receitas de família, penteamos os nossos cabelos, usamos gírias e nos relacionamos com a memória do nosso povo!

TODO MUNDO TEM CULTURA E NENHUMA É MELHOR QUE A OUTRA.

Essas simples ações são reflexos do que nos foi passado, são hábitos que chegam pra gente a partir dos costumes das nossas comunidades.

A passagem desses fazeres e saberes de geração para geração é feita de formas muito diferentes. Para alguns povos indígenas, por exemplo, a música e o ritmo são fundamentais para o ensino das tradições e saberes.

Nas culturas de matriz africana a oralidade é central para o repasse e construção de conhecimentos.

A CULTURA TAMBÉM É FONTE DE RENDA

Em 2020, os setores culturais foram responsáveis por movimentar

R\$230,14 bilhões,

equivalente a cerca de **3,11%** do Produto Interno Bruto (PIB) do país.



A CULTURA BRASILEIRA EM NÚMEROS

No primeiro trimestre de **2023**, o setor econômico relacionado às atividades culturais e criativas cresceu **2%** quando comparado ao mesmo período em **2022**.

Isso representa

7,2 milhões
de profissionais ativos,

um aumento de

123 mil
brasileiros trabalhando
no setor cultural.

Fonte: Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural - PNAD Contínua.

E qual a participação das mulheres?

Desde **2014**, a participação das mulheres no setor cultural cresceu e chegou em **2020** ao seu maior índice, representando

49,5%
das pessoas
ocupadas.



Os homens representam **55%** do total de trabalhadores no setor da cultura, enquanto as mulheres correspondem a **45%**.

DICA ESPECIAL PARA QUEM ESTÁ
EM BELO HORIZONTE E REGIÃO!

A cidade de Belo Horizonte conta com vários centros culturais, parques, teatros, museus e cinemas com muitas atividades gratuitas acontecendo quase todos os dias!

Acesse o instagram da Fundação Municipal de Cultura e fique por dentro da programação:

 @fmcbh

FORTALECER OS MOVIMENTOS CULTURAIS É FORTALECER A LUTA DO POVO POR DIREITOS

Ao longo da história, as mulheres têm sido agentes de mudança social, ao lutar por igualdade e pelo fim da opressão.

Nessa caminhada, a cultura foi fundamental para o fortalecimento coletivo.

No Brasil, cultura tem gênero, cor e classe!

O perfil do trabalhador no setor cultural é formado por **58%** dos profissionais brancos, **32%** pardos, **8%** pretos e **2%** pertencentes a outros grupos étnicos, como amarelos e indígenas.

Quando o assunto é salário, as mulheres pretas enfrentam uma desigualdade salarial imensa, recebendo aproximadamente **70%** menos do que os homens brancos.

A cultura é um direito humano de TODOS!

A lei (Art.215) exige que os governantes realizem de forma efetiva uma política cultural oficial!

Ou seja, o direito à cultura tem a ver com o reconhecimento e a garantia de que todos os cidadãos têm de participar, acessar e desfrutar das diversas expressões culturais presentes na sociedade.

Isso inclui manifestações artísticas, patrimônio cultural, tradições, memória...



“
Hoje, nós, mulheres,
sabemos da
necessidade de pegar
na mão da outra e
fazer uma corrente.
Sou mulher e vou
continuar parindo
com a música.
Por Marielle e por
todas e todos.”



Elza Soares em entrevista
à Revista PODER, 2019.

MULHERES DA CENA

Sabemos que todas as mulheres são importantes e têm potenciais e conhecimentos diferentes!

Algumas são reconhecidas e lembradas pelas grandes mídias, mas a maioria não tem a oportunidade de ser homenageada da maneira que merece!

Por isso, os coletivos e grupos que participaram da criação desta cartilha indicaram mulheres que são referências na cena cultural e merecem ter as suas histórias e saberes espalhados por aí.



Com vocês:

Dona Valdete da Silva Cordeiro

Dona Valdete é símbolo de luta e resistência das mulheres negras! Nasceu em 1938 na cidade de Barra, na Bahia, e veio morar com os padrinhos em Belo Horizonte após o falecimento dos pais. Na capital mineira, ela foi uma importante líder comunitária do bairro Alto Vera Cruz, onde se dedicou à luta por melhorias na qualidade de vida da comunidade. Nos anos de 1990, preocupada com a saúde mental das senhoras da comunidade, Dona Valdete criou o projeto Meninas de Sinhá, um espaço de socialização e práticas culturais. Juntas, as Meninas de Sinhá produziam artesanato, dançavam e cantavam em cirandas e retomavam memórias pessoais e comunitárias.

Essa mulher revolucionária inspirou o nome da Lei Municipal 10.969/2016 de Belo Horizonte, que, em sua homenagem, criou o Dia Municipal da Mulher Negra - Dona Valdete da Silva Cordeiro.



Lélia González

Nascida em Belo Horizonte, de origem pobre, Lélia estudou e se tornou uma intelectual poderosa. A sua bagagem acadêmica contribuiu com a estrutura da sua narrativa para que a linguagem sobre as importantes discussões fosse um avanço e chegasse a todas as pessoas. Ela facilitava a compreensão de temas importantes ao criar uma narrativa escrita que trazia característica de fala. Lélia foi pura força e militou cotidianamente no movimento negro, onde expôs as opressões de gênero, raça e classe. Mulher corajosa, que quando pouco ou nada se falava de feminismo negro, violência contra a mulher negra, criou essa narrativa. O seu discurso sobre as dores que o racismo trás empoderou muitas mulheres negras, quebrando a ideologia de que precisam se encaixar nesse cruel padrão de beleza estabelecido pela branquitude. Ela foi libertadora!

Texto adaptado do instagram @minasdeminascrow



Cindy Campbell (Primeira Dama do Hip Hop)

Em 2023 estão sendo comemorados os 50 anos do hip-hop e não é possível falar da história da cultura sem lembrar das mulheres que foram essenciais para o seu surgimento. Esse é o caso de Cindy Campbell, a primeira-dama do hip hop que, infelizmente, muitas vezes é apenas lembrada como a irmã do também revolucionário DJ Kool Herc. Acontece que foi Cindy quem, em 1973, promoveu no Bronx (Nova York) a festa que é considerada até hoje o nascimento da cultura hip hop. Além de uma grande produtora de eventos, Cindy foi escritora, grafiteira, modelo e fundadora da da Hip-Hop Preserve Inc., uma organização sem fins lucrativos que preserva as origens da Cultura Hip-Hop.

(Fontes :

<https://www.hiphopeducation.org/people/cindy-campbell/> e
<https://www.submundodosom.com.br/2020/02/apagamento-e-silenciamento-das-mulheres.html>)

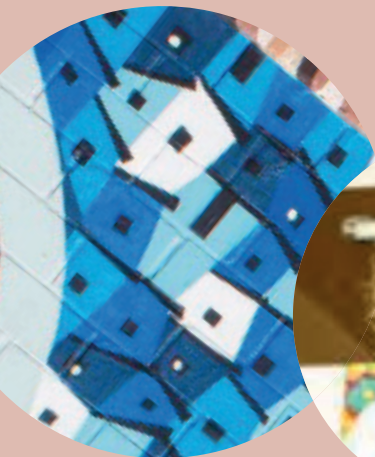
AMOR



Thamara Selva

Atuante na cena da poesia marginal de Belo Horizonte desde 2014, Tamara, também conhecida como “Poeta”, já nasceu artista, como diz a sua mãe. Desde os 12 anos escreve em uma busca incansável de ser ouvida e digerida de maneira justa. Ela nos inspira a pensar em todas as artes como um corpo, sendo cada uma um membro essencial para o bem estar do todo.

Foi finalista em algumas das competições de poesia falada (SLAM) da cidade e primeira finalista, junto à Coletiva Manas, no Festival “Elas por Elas”, realizado pelo Partido dos Trabalhadores. Já participou de diversos saraus e slams em locais públicos e privados com o objetivo de disseminar a poesia marginal e suas muitas vertentes em todos os espaços.



Joi Gonçalves

Joi Gonçalves nasceu em Camaçari, na Bahia, e cresceu, de todas as formas possíveis, no Barreiro (Belo Horizonte). Formada em Teatro e Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, atua com execução de projetos, produção de eventos e como mestre de cerimônia. Além disso, Joi é atriz e diretora artística de cenas, apresentações e filmagens.

Ela integra diversos coletivos de poesia marginal e participou de publicações como os livros "À luta, à voz" (2018), da coletânea do Coletivo e "De quebrada: não procure no centro", publicado no Festival de verão UFMG (2021).



Bru Sté

Bru Sté, nascida Bruna Stéphane, é uma poeta marginal, artista visual, professora, pesquisadora, agitadora cultural e ativista feminista interseccional que se propõe a transmutar de si para o papel uma imagem de feminino insurrecto e multifacetado, cujas formas são infinitas. Com esse objetivo, cria textos e ilustrações debruçadas em algumas das tantas maneiras possíveis de ser mulher, passando por emoções, desejos, frustrações, lutas, transgressões da norma e pensando o corpo para além das imposições, do sexo, para além da própria carne. Se arrisca a rasgar a pele do papel para nele injetar um pouco do que deseja ver no mundo a sua volta. É formada em Letras Espanhol e Português, Mestre e Doutoranda em Literaturas Modernas e Contemporâneas pela UFMG, onde também atua como editora da Revista Em Tese. Entre idas e vindas, se considera uma aluna orgulhosa da Escola Livre de Artes Arena da Cultura, de onde acumula, predominantemente, cursos nas Artes Visuais.



Makota Kidoiale

Makota Kidoiale é filha carnal de Mãe Efigênia Maria da Conceição (Mametu Muiandê), fundadora do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiavngo, comunidade tradicional de matriz africana de nação bantu localizada no bairro Santa Efigênia, Belo Horizonte (MG). Como militante, mulher negra, liderança quilombola e de terreiro de axé, ela tem experiência na articulação e mobilização de diferentes seguimentos representativos da população afro-descendente de Belo Horizonte – capoeira, Umbanda, Reinado, Candomblé, quilombos – em torno das lutas por igualdade racial, contra a intolerância religiosa e todas as formas de discriminação. Kidoiale é presidente da Associação de Resistência Cultural da comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango, certificada via autorreconhecimento como Remanescente de Quilombo pela Fundação Palmares no ano de 2004.

(Fonte:

<https://www.saberestradicionais.org/cassia-cristina-da-silva/>)



Lelê Alves

Lelê Alves é o apelido ou pseudônimo da ariana de vinte anos, nascida em Minas Gerais, que busca declamar suas palavras pelo Brasil. A escritora e poeta pansexual que cresceu na pequena cidade de Sarzedo, embarcou no mundo literário através das fanfics no Wattpad (aplicativo de compartilhamento de histórias) da sua banda preferida, para em seguida publicar seus originais na mesma plataforma.

Em 2018 ela conheceu a poesia marginal e o coletivo “Nosso Sarau”, do qual ainda faz parte. No grupo ela começou a compartilhar seus versos com o mundo. Lelê se considera uma viciada em clichês e busca trazer isso através de suas obras, que tem sempre o foco em protagonismo negro. Atualmente tem três livros publicados, sendo eles o físico e digital “Geminianas” pela editora Caligari, o livro digital de seu conto “Luz, Câmera, Rock” e seu livro digital de poesias “Afro Afetos”.

CONFIRA AQUI UM POUQUINHO DO QUE FOI PRODUZIDO POR MULHERES INTEGRANTES DOS COLETIVOS QUE FIZERAM PARTE DA PRODUÇÃO DESTA CARTILHA!



Meninas de Sinhá

Receita de bolinho de fubá da Sueli Avelino Batista

Ingredientes:

- 3 ovos
- 1/2 xícara de açúcar
- 1 e 1/2 xícara de fubá
- 1/2 xícara de farinha de trigo
- 1 colher de sopa de fermento
- 1 colher de chá de erva doce

Modo de fazer:

- 1- Misture os ovos com o açúcar e mexa bem
- 2- Coloque o fubá e a farinha de trigo e mexa bem
- 3- Adicione o fermento e a erva doce e continue mexendo
- 4- Para fritar os bolinhos, coloque óleo numa panela e deixe esquentar até que chegue a uma temperatura média
- 5- Forme os bolinhos com uma colher de sopa e coloque-os no óleo quente, um a um.

As Meninas de Sinhá cantam a música Bolinho de Fubá, de composição de Edwina Noronha de Andrade. Interpretação: Meninas de Sinhá. A receita do bolinho é da Sueli Avelino Batista, e é passada no meio da música.

Assista ao vídeo no Instagram do @aic_lab!



Sodô Crew



Sodô Crew



Sodô Crew

Makota Kidoiale

Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango

Poema Riscado

Meu escrito, é minha história riscada em um corpo de papel
Uma fase de mim, eu risco um ponto entre a mata e o céu
Risco minha história, parte forte da memória
Da luta ambiental
Casa da fé
Equilíbrio dos pés
Guardiã do meu quintal

Risco fazendo curvas, atravessando encruza,
Para chegar nas águas,
Colher argila, alecrim, benjoim
É tudo que deus fez pra mim

Em uma parte desse poema
Trago triste outra cena
A exploração dessa floresta
Olho pra deus e rezo em festa
Peço o fim desse inferno
Que o amor vença o minério
Risco agora, o passar da tempestade, que
nosso plantio vire arte, despertando a
sensibilidade, plantando nossa
ancestralidade, eu me curvo para essa escrita
que não perde da nossa Serra do Curral
O vermelho vai-se embora
O verde da vida aflora
Essa serra defendida
Protegendo toda vida
Secando a roupa branca no varal

Minas de Minas Crew

Grafite: Minas de Minas Crew
Foto: Corina Moreira



A CULTURA É PARA TODO MUNDO PORQUE TODO MUNDO FAZ CULTURA.

Esta cartilha é fruto de um trabalho coletivo entre a equipe do AIC Lab e os coletivos:

GRUPO CULTURAL MENINAS DE SINHÁ

Formado por mulheres idosas da periferia da zona leste de Belo Horizonte, o grupo Meninas de Sinhá promove, há 27 anos, o resgate de memórias, saberes e autoestima de mulheres na maturidade através da música, troca de experiências e oficinas.

SODÔ CREW

Fruto da oficina de graffiti promovida pela Coletivo Minas de Minas no Centro Cultural Alto Vera Cruz, em 2023, a Sodô é uma crew feita por mulheres que buscam, a partir da ancestralidade, promover arte e beleza nas ruas.

MINAS DE MINAS CREW

Criado em 2012 pelas artistas visuais e grafiteiras, Musa, Nica, Krol e Viber, o Minas de Minas Crew é um coletivo de Belo Horizonte que promove projetos como o Nós Podemos Tudo que, através de pinturas nas ruas, retrata mulheres potentes e suas lutas contra o machismo e o racismo em todos os seus fazeres. O grupo também realiza palestras e rodas de conversa sobre mulheres e as artes.

AFROLÍRICAS

Afrolíricas é formado por duas jovens negras artistas independentes, residentes em Belo Horizonte. Organizadoras responsáveis pelo AfroSlam e pelo AfroSarau. As poetas Anárvore e Iza Reys acreditam no poder de transformação e emancipação por meio das palavras e na importância da união do povo preto, onde através do termo "Ponte de Africanidades" definem as expressões artísticas desse povo como um atravessamento da nossa cultura que se desmancha em trocas de afeto, cura e resgate da ancestralidade!

MORRO ENCENA

Formado desde 2001, o grupo de teatro MORRO ENCENA, criado no Aglomerado da Serra, maior região periférica de Belo Horizonte/MG, aposta no teatro como um veículo potencializador em prol da democratização cultural. O grupo MORRO ENCENA explora em suas peças de teatro temas ligados aos Direitos Humanos, território e gênero, buscando à desconstrução dos estereótipos. Com apresentações teatrais de cunho popular, o grupo provoca risos e reflexões, valendo-se de uma linguagem acessível a todos os públicos. Por fim, o grupo de teatro MORRO ENCENA é formado por mulheres, negras e de periferia, que traz em sua gênese, provocações e representação da pessoa preta e periférica na sociedade contemporânea.

MUQUIFU

O MUQUIFU visa salvaguardar as memórias dos moradores do Morro do Papagaio. Seu acervo conta com objetos e coleções que documentam a história do lugar: objetos, fotografias, instrumentos das culturas tradicionais, entre outros. Buscamos um novo olhar sobre os processos de musealização e salvaguarda que existem para que os conhecimentos, a cultura e a arte da população preta e periférica seja reconhecida como parte da memória e da vida da cidade.

Mulheres do Rosário (não tem logo)

Coletivo que atua no Bairro Jardim Rosário que tem por objetivo, promover a integração em rede de mulheres do bairro, a fim de promover autonomia, qualidade de vida e bem-estar deste para este público e impactar as famílias e a comunidade como um todo. Trata-se de uma iniciativa independente, sem vinculação política ou religiosa, que já soma 10 anos de atuação no território.

NOSSO SARAU

O Coletivo Nosso Sarau surgiu em 2014, no contexto da ausência de políticas públicas culturais e de juventudes em Sarzedo (Região Metropolitana de Belo Horizonte) especialmente em relação ao direito à cidade e ao processo de invisibilização e criminalização das culturas juvenis da periferia. Composto por ativistas autônomas, o coletivo tem como objetivo principal reunir jovens artistas locais por meio da declamação de textos, de performances artísticas e da vivência na cultura hip-hop, skate, slackline, basquete e outras formas de ocupação do espaço público.

Nosso Sarau

Peita nós - Leleê Alves

Quero ver, cês peitar as preta
A mulata, a pretinha, a negona, a neguinha.
Mas mulata que é de mula mesmo,
cês tão ligado?
Daquelas que cês só descarrega o pente,
Só pega escondido de quatro num quarto.

E ainda quer ser bandido.

Daquelas que num vale um motel,
Um bordel ou um anel
Porque cês tão ligado que é passageiro.

Esses cara que anda com marra,
Com a peita bacana,
Num peita uma preta pra dizer que ama.
Num assume nem o enzo do gueto
Quem dirá a gente de fora da cama.

Dá o papo.

Mulher negra, é antes de tudo uma poesia,
É garra, é força
Que cê nunca seria.

Quero ver cês peitá uma neguinha que acorda cedo
Faz café, faz dinheiro
E ainda troca um chuveiro.
Sustenta uma casa e a família,
Trabalha todo dia
Enfrenta o frio
Ou um metro vazio
Ouvindo cantada dos mano
Que trata essa porra como elogio.

Quero ver, cês peita uma negona
De black ou de trança,
A unha bem longa,
Um reboco na cara
E o salto no quinze.
Mina preta, que mesmo assim,
Não muda de roupa
Pra limpa um banheiro
Ou bolar um finin.

Ou se muda,
Muda é a atitude,
Com cara escroto,
Que acha que preta é moeda de troco.
Falar, que pegou é fácil
Que levou pro quarto
E fez o que quis.

Que eu não vejo mesmo é um macho,
Que paga de foda,
Bota a cara a tapa
E peitá o mundo assim.

Peita nós!

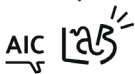
REFERÊNCIAS

- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - TÍTULO VIII Da Ordem Social - CAPÍTULO III Da Educação, da Cultura e do Desporto - Seção II DA CULTURA (arts. 215 a 216) - Supremo Tribunal Federal <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp>.
- Painel de Dados - OBSERVATÓRIO ITAÚ CULTURAL <https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldeda-dos/publicacoes/boletins/pib-da-economia-da-cultura-e-das-industrias-criativas-a-importancia-da-cultura-e-da-criatividade-para-o-produto-interno-bruto-brasileiro>
- Pesquisa do IBGE mostra como é desigual o acesso à cultura e ao lazer - Jornal Nacional <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/12/10/pesquisa-do-ibge-mostra-como-e-desigual-o-acesso-a-cultura-e-ao-lazer.ghtml>
- Setor cultural ocupava, em 2020, 4,8 milhões de pessoas <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-12/setor-cultural-ocupava-em-2020-48-milhoes-de-pessoas>
- SIIC - Sistema de Informações e Indicadores Culturais - IBGE <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/cultura-recreacao-e-esporte/9388-indicadores-culturais.html>
- Ritmos da Amazônia, Ciência Hoje <https://cienciahoje.org.br/acervo/ritmos-da-amazonia>
- Hip Hop Education Women in Hip Hop - Cindy Campbell <https://www.hiphopeducation.org/people/cindy-campbell/>
- Submundo do Som - Apagamento e silenciamento das mulheres <https://www.submundodosom.com.br/2020/02/apagamento-e-silenciamento-das-mulheres.html>
- Saberes Tradicionais - Cássia Cristina da Silva <https://www.saberestradicional.org/cassia-cristina-da-silva/>

VIVA CULTURA! VIVA CULTURA!
VIVA CULTURA! VIVA CULTURA!
VIVA CULTURA! VIVA CULTURA!
VIVA CULTURA! VIVA CULTURA!
VIVA CULTURA! VIVA CULTURA!
VIVA CULTURA! VIVA CULTURA!
VIVA CULTURA! VIVA CULTURA!

TERMO DE FOMENTO N° 929821/2022

REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DAS
MULHERES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Esta campanha faz parte do Periferia Viva Mulher, projeto realizado com recurso do Ministério das Mulheres/Governo Federal, via emenda parlamentar indicada pela ex-deputada federal Áurea Carolina na Lei Orçamentária Anual 2022